

Bases epistemológicas do Telejornalismo Brasileiro: do Telejornalismo Falado ao Telejornalismo Expandido¹

Edna de Mello SILVA²
Yago Modesto ALVES³

Universidade Federal São Paulo, São Paulo, SP
Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

Resumo

O artigo apresenta a proposta de categorização de fases do telejornalismo, identificando as características históricas de desenvolvimento técnico e de linguagem de cada época, bem como a influência desses elementos nos formatos da informação veiculada. A pesquisa é qualitativa com abordagem descritiva e utilizou para a composição do *corpus* os telejornais da extinta TV Tupi de São Paulo, os telejornais disponibilizados por usuários do *Youtube*, os conteúdos postados pelos perfis dos telejornais em seus portais e nas redes sociais, além de notícias publicadas sobre televisão e telejornalismo nas edições do jornal impresso “Diário de S. Paulo”. Os resultados da pesquisa apontam que o jornalismo televisivo possui bases sólidas de conhecimento e informação capazes de sedimentar suas bases epistemológicas.

Palavras-chave

História do telejornalismo; telejornalismo; história da televisão; epistemologia do telejornalismo.

Introdução

Podemos pensar numa epistemologia do telejornalismo? O jornalismo televisivo tem sido desafiado a rever suas rotinas produtivas e adaptar seus conteúdos a múltiplas telas e múltiplos públicos. Televisão e tecnologia caminham juntas quando se trata de formato e conteúdo. Com o noticiário televisivo acontece o mesmo. São 67 anos de

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Tecnologia em Design Educacional da UNIFESP e do PPGCOM da UFT. Coordenadora do GP Telejornalismo da Intercom. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia (CNPq/UFT). E-mail: prof.ednamello@gmail.com

³ Mestrando em Comunicação e Sociedade (PPGCom/UFT), integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia (CNPq/UFT), e-mail: yagoma07@gmail.com

história e de presença na vida dos brasileiros, incorporando o desenvolvimento técnico de imagem e som, aliado às novas formas de noticiar.

Não há dúvida que a televisão e o jornalismo não possuem as mesmas práticas sociais de 10, 20 ou 50 anos atrás. A todo momento surgem novos desafios, porém há vestígios de permanência nos conceitos e nas formas de como o meio encara a informação jornalística. Nesse sentido, é possível pensar que ao longo de sua trajetória o telejornalismo brasileiro tenha desenvolvido práticas, que foram internalizadas pelos profissionais de TV (jornalistas, técnicos, gestores) e disseminadas pelas escolas de jornalismo, nos estúdios e nas redações, que se constituem no que podemos chamar de um “saber telejornalístico”. Esse conjunto de procedimentos - que vão além do domínio de técnicas audiovisuais e de construção de narrativas - têm repercussão e são validados como conhecimento, quer seja por quem produz a notícia (jornalistas, equipe técnica, gestores), quer seja por quem a consome (telespectadores).

Na busca por compreender as bases epistemológicas do jornalismo televisivo, esse artigo apresenta a proposta de categorização de cinco fases do telejornalismo, identificando as características históricas de desenvolvimento técnico e de linguagem de cada época, bem como a influência desses elementos nos formatos da informação veiculada. A pesquisa é qualitativa com abordagem descritiva e utilizou para a composição do *corpus* os telejornais da extinta TV Tupi de São Paulo catalogados pela Cinemateca Brasileira, os telejornais brasileiros disponibilizados por usuários do *Youtube*, os conteúdos postados pelos perfis dos telejornais brasileiros nas redes sociais e as edições do jornal impresso “Diário de S. Paulo” de setembro 1950 e de setembro de 1975. Os pressupostos metodológicos da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) foram utilizados como técnica de pesquisa.

1 - Primeira Fase: o Telejornalismo Falado, herança do modelo radiofônico

A chegada da televisão no Brasil, em 1950, foi uma iniciativa do capital privado. Assis Chateaubriand, empresário da área da comunicação, dono dos Diários Associados, iniciou seu grupo midiático em 1924, com a compra do impresso O Jornal, no Rio de Janeiro, mais tarde incorporou outros jornais e emissoras de rádio, vindo a lançar a Revista O Cruzeiro, ainda em 1928.

A cidade de São Paulo foi escolhida para ser a sede da primeira emissora brasileira de televisão. Os equipamentos foram adquiridos da RCA Victor, empresa americana associada ao canal NBC. A 18 de setembro de 1950, os espectadores de alguns aparelhos de televisão espalhados nos arredores do centro da cidade e na porta do estúdio situado à Rua 7 de abril puderam assistir, pela primeira vez, a transmissão dos sinais da televisão, numa programação que misturou a bênção do canal, shows humorísticos e musicais.

O evento foi plenamente registrado pelos jornais dos Diários, em especial pelo jornal Diário de S. Paulo, que divulgou detalhes da festa de inauguração que culminou com um jantar para os convidados, escolhidos entre os grandes empresários e membros da elite paulista. Os interesses empresariais de Chateaubriand podem ser exemplificados com a escolha da madrinha da PRF-3 TV Tupi de São Paulo Difusora, a poetisa Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti (fig.1). Com publicações em jornais diários e revistas desde 1914, Rosalina foi casada no segundo casamento com o norte-americano James Miller, então vice-presidente e gerente geral da United Press na América do Sul e mais tarde, em seu terceiro casamento, com o empresário Antonio Larragoiti, diretor da companhia de seguros Sul América, uma das empresas patrocinadoras da TV de Chateaubriand (CPDOC/FGV)⁴.



Fig. 1 – A madrinha da TV (reprodução)
 Fonte: Diário de S. Paulo (18/set/1950)

⁴ Biografia de Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti. Acesso em: <
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rosalina-coelho-lisboa-larragoiti>>.
 Acesso em 10 jul. 2017.

No dia seguinte à inauguração da televisão, iniciava-se o primeiro telejornal brasileiro: o *Imagens do Dia*. O programa tinha notícias locais lidas pelo locutor Ruy Rezende, que era também produtor e redator do jornal. As imagens eram produzidas em filme preto e branco pelos cinegrafistas Jorge Kurkjian, Paulo Salomão e Alfonso Zibas. (REZENDE, 2000, p. 105). A estrutura de cenário era básica: tapadeira ao fundo, mesa como bancada e microfone.

O apresentador, à época chamado de locutor de notícias, sentado em uma cadeira, tendo uma bancada à sua frente, trajava-se com terno e gravata, lia as notícias ao vivo e aparecia em quadro no televisor (ALVES, 2008; LORÊDO, 2000). Os tipos de enquadramentos valorizados entre as décadas de 50 até meados dos anos 60 para os apresentadores foram o primeiro plano e o close. Neste telejornal, em que o apuro técnico não supria todas as exigências com boas imagens dos acontecimentos, o apresentador ocupava um lugar de destaque no noticiário. Resguardadas as devidas proporções e limitações técnicas é algo bem parecido do que podemos encontrar ainda hoje em muitos telejornais.

O apresentador (locutor) era elemento legitimador do telejornal, que mostrava seu rosto e sua voz, além de emprestar seu reconhecimento profissional para dar validade ao discurso das notícias. Do ponto de vista técnico, no Telejornal *Imagens do Dia*, as notícias eram apresentadas no formato de nota ao vivo (nota seca) e nota coberta (voz do locutor narrando as imagens). (SILVA, 2017, p. 101)

Esse modelo de telejornal era utilizado também nos EUA, inclusive pelo canal NBC (ligado à RCA Victor), entre os anos 50 e 60. Em vista disso, podemos inferir a grande influência que o modelo comercial da tv norte-americana exerceu sobre a televisão brasileira. Como exemplo, podemos citar o *NBC News Room* (fig. 2), um telejornal que ia ao ar diariamente, à noite, com uma estética similar ao dos telejornais *Imagens do Dia* e do *Repórter Esso* (Fig. 3).



Fig. 2 – Telejornal *NBC News Room* (imagem de tela)
 Fonte: YouTube



Fig. 3- Telejornal *Repórter Esso* (imagem de tela)
 Fonte: YouTube

2) Segunda Fase: Telejornalismo com externas, a reportagem sai às ruas

A chegada do videoteipe no Brasil foi no final dos anos 50. Em termos gerais, esse gravador de imagens com fitas magnéticas permitiu que os programas de televisão passassem a ser gravados, substituindo aos poucos a programação ao vivo. O sistema possibilitava que após serem gravadas, as imagens pudessem ser assistidas e editadas, evitando os erros de improvisação do modelo pioneiro de TV. Essa evolução atingiu em cheio os programas de entretenimento, possibilitando a reprise e a exibição dos espetáculos em outras praças.

O telejornalismo, esportes e programas de auditório continuaram a ser exibidos ao vivo, devido a especificidade de seus conteúdos. Além disso, os primeiros equipamentos eram muito pesados e de difícil locomoção, dificultando o uso em externas. Apesar da tecnologia estar em uso no país, o sistema tradicional de registro em película (filme) permaneceu na televisão brasileira até meados dos anos 80.

É importante ressaltar que a partir de 1964, com a implantação do governo militar no país, o jornalismo foi intensamente cerceado. Muitas emissoras de televisão deixaram de existir e tiveram seus programas censurados. No telejornalismo não foi diferente. As emissoras mais afeitas ao regime foram favorecidas com a expansão de seus negócios. Já os profissionais considerados contrários ao regime tiveram dificuldade de exercer suas atividades profissionais. Essa situação se refletiu também nos conteúdos veiculados nos noticiários, evitava-se temas considerados polêmicos a fim de driblar a censura.

Um destaque de novo formato para o telejornalismo nos anos 60 foi o Jornal de Vanguarda. Idealizado por Fernando Barbosa Lima, o noticiário trouxe inovações como a presença de vários apresentadores, a linguagem informal e os comentários irônicos sobre a situação do país. O programa rompeu com o modelo radiofônico da primeira fase do telejornalismo e pela primeira vez trouxe jornalistas, muitos oriundos do jornal impresso, para criar um novo modelo de jornalismo televisivo. O telejornal que nasceu na TV Excelsior passou por várias emissoras até chegar à TV Rio, no auge do AI-5, quando foi encerrado. Lima (1998) afirmou que a decisão de tirar do ar o telejornal foi da própria

equipe: “Quando veio o AI-5 resolvemos tirar o Jornal de Vanguarda do ar porque nós sabíamos que a cada dia a censura faria com que fizéssemos um jornal pior”.

Quanto à inovação técnica, no telejornalismo as mudanças começaram a ocorrer mais tarde, com a chegada das câmeras portáteis do sistema U-Matic, no início da década de 70. Esse sistema utilizava fitas mais estreitas, acondicionadas em estojos. Para captar as imagens eram necessários a câmera e o VT que funcionavam ligados por cabos. A integração desses aparelhos juntos era chamado de ENG (Eletronic News Gathering) ou UPJ (Unidade Portátil de Jornalismo).

A gravação de externas em fitas magnéticas tornou o sistema de edição mais rápido e dinâmico. Por outro lado, a capacidade de mobilidade da equipe de gravação externa aumentou consideravelmente, tornando possível o registro de acontecimentos em diversas partes do mundo. Nessa fase do telejornalismo, a reportagem televisiva se amplia e passa a incorporar mais informações em nível nacional, à medida em que ocorre também a expansão das emissoras pelo interior do país. A criação do primeiro telejornal em rede, o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão é um exemplo desse período.

O desenvolvimento do noticiário regional é outro marco da fase de telejornalismo com externas. Um destaque desta época, o Telejornal Bom Dia São Paulo foi lançado em 19 de abril de 1977. Foi o primeiro noticiário matutino da Rede Globo de Televisão. Entrava no ar às 7 horas da manhã com notícias da cidade, como trânsito, temperatura e assuntos de interesse local ligados às instâncias municipais e estaduais. Os enquadramentos dos apresentadores eram alternados entre os plano médio próximo e planos fechados como o close. O programa tinha também entradas ao vivo (fig. 4), entrevistas ao vivo e reportagens (fig. 5), oferecendo maior cobertura dos temas da cidade. O Telejornal Bom Dia São Paulo completou este ano 40 anos de exibição, sendo veiculado das 6h às 7h30 da manhã.



Fig. 4 – Entrada ao vivo (trânsito) BDSP – 19/04/1977



Fig. 5 – Reportagem – BDSP – 19/04/1977

3) Terceira Fase: Telejornalismo All News

O avanço tecnológico possibilitou a chegada no Brasil da televisão por assinatura no final dos anos 80 e início dos anos 90. O modelo de televisão a cabo já existia desde os anos 70 no continente norte-americano. Inicialmente, o serviço de cabeamento facilitava a chegada do sinal de televisão em regiões em que as antenas tradicionais teriam dificuldade de transmitir imagens com qualidade. Com o aperfeiçoamento técnico da transmissão via satélite foi possível também transmitir programações de outros localidades, inclusive de outros países.

No Brasil, houve grande pressão política por parte das grandes redes de televisão aberta e das empresas da área de equipamentos para que não houvesse essa modalidade de transmissão televisiva. Somente em 1989 iniciou-se o serviço do Canal Plus, que mais tarde foi comprado pelo Grupo Abril, criando a TVA – TV Abril. Num primeiro momento, o serviço de tv paga atingiu somente os bairros de maior poder aquisitivo no eixo Rio-São Paulo devido ao custo de cabeamento. Aos poucos o serviço foi ampliado para outras regiões do país.

A chegada da TV paga abalou a audiência da televisão aberta. O público começou a dividir sua atenção com uma programação diversificada e com canais especializados. Em 1991, surge a Globosat, programadora e operadora das Organizações Globo, que é responsável pelo primeiro canal de telejornalismo no Brasil, o GloboNews. Inaugurado em 15 de outubro de 1996, o canal GloboNews (fig. 6) trouxe a proposta inovadora de trazer um novo telejornal a cada meia hora. Em termos gerais, além da equipe própria de repórteres, o canal contava com o apoio da produção dos telejornais da Rede Globo de Televisão e das emissoras afiliadas, reprisando algumas vezes as reportagens já exibidas em outros noticiários.

Logo outras redes de televisão passam a criar seus canais de notícias. A Rede Bandeirantes com a TV Band News (criada em março de 2001), a Rede Record com a Record News (criada em setembro 2007) que faz transmissões também na TV aberta. Os canais de telejornalismo deram ao espectador a possibilidade de acompanhar mais de perto as notícias do dia, não ficando preso exclusivamente aos horários da grade de programação. Com os serviços via satélite, esses canais também inovam com as transmissões ao vivo dos acontecimentos locais e internacionais, investindo na instantaneidade da notícia. Além das

grandes reportagens, trazem também programas especializados em formatos jornalísticos de entrevistas e debates.

Em relação aos formatos da notícia, os programas fazem uso dos boletins ao vivo (stand up) com a presença de repórter no local do acontecimento e de reportagens. É comum também a presença de jornalistas especializados em temas como economia, artes, cotidiano e correpondentes internacionais. Nos telejornais, a tradição da bancada foi mantida e o papel do apresentador ganhou relevância devido à especificidade do programa de notícias(fig. 7).



Fig. 6 – Trecho de 1ª. vinheta GloboNews



Fig. 7 – Apresentador na bancada GloboNews

4) **Telejornalismo Convergente: o surgimento de novas telas**

As tecnologias digitais trouxeram uma grande mudança para a rotina produtiva do jornalismo. Além de facilitar a circulação da informação, bem como o acesso e a conexão entre pessoas de todo planeta, a internet é um importante instrumento de pesquisa para o jornalismo.

Sem dúvida, uma das grandes mudanças nas rotinas produtivas do jornalismo televisivo foi trazida pela edição não linear. Todo o trabalho foi revisto: padrões de enquadramento, cor, iluminação, ângulos, captação de áudio, viveram a adaptação ao formato digital. A edição não linear também possibilitou que fossem agregadas informações visuais às notícias, de forma a oferecer mais clareza aos dados mais difíceis de serem entendidos por grande parte da população. Essa operação exigiu uma sintonia entre os vários profissionais envolvidos no processo: o editor de texto, o editor de imagem e o editor de arte.

A maioria dos telejornais da TV lançou seus novos cenários. Como elemento comum, os cenários dos telejornais registravam a presença de suas redações com os profissionais trabalhando em ambiente contíguo, como fundo de cena ou como parte do

cenário, além da presença de várias telas distribuídas pelo espaço de apresentação do telejornal. Desde então, a idéia de manter a redação do telejornal como elemento integrante do palco de apresentação vem sendo atualizada e absorvida nas produções de jornalismo televisivo.

Nessa fase, os principais telejornais brasileiros passaram a disponibilizar seus conteúdos na Internet. Portais ligados às emissoras de televisão passaram a fornecer informações sobre a programação, detalhes dos bastidores de programas, entrevistas exclusivas com seus artistas e versões integrais ou em partes, das reportagens apresentadas nos telejornais.

Os telejornais passaram a absorver de forma mais frequente as imagens gravadas por telespectadores, geralmente flagrantes que registram acontecimentos de repercussão e interesse do público, ou em virtude do número de pessoas atingidas pelo fenômeno ou pelo caráter de excepcionalidade da ocorrência (*fait divers*). Essas imagens, muitas vezes captadas por câmeras de telefones celulares, demonstram que parte da população já está familiarizada com os recursos de gravação e edição de imagens, ou seja, têm domínio da linguagem audiovisual. Os telejornais incentivavam a participação dos telespectadores, solicitando o envio de imagens e gravações de acontecimentos através de seus sítios, que possuem um link próprio para este fim.

O diferencial da presença dos telejornais na Internet também trouxe ao telespectador a oportunidade de ter uma parcela de participação no telejornal. Por meio de chats, fóruns, enquetes e salas de bate-papo, os telespectadores eram incentivados a enviar perguntas, sugestões, emitir opiniões e estabelecer uma relação mais próxima com os produtores e convidados dos telejornais. Por sua vez, a equipe responsável pelo telejornal pôde conhecer mais de perto o seu público e perceber quais eram suas preferências, o que pode favorecer a busca pela qualidade e audiência do programa televisivo.

As formas de consumo do telejornalismo também foram alteradas. As possibilidades de fruição da notícia se ampliaram com os smartphones e tablets. Além de assistir às edições dos telejornais por telefones celulares com receptor de TV nos horários da emissão da TV aberta, os programas passaram a ser vistos também em horários escolhidos pelo espectador por meio dos portais dos telejornais ou simultaneamente pelo aparelho televisor e tablets, no fenômeno da segunda tela.

5) Telejornalismo Expandido: o jornalismo televisivo nas redes sociais

O telejornalismo expandido surge no contexto de apropriação dos veículos de televisão pelas redes sociais que tem o audiovisual como ferramenta (principal ou não). É caracterizado por Silva e Alves (2016) como uma das fases ou estágios do telejornalismo demarcados a partir de mudanças ocorridas no jornalismo de televisão por conta do advento da internet e da cibercultura. Assim, o conteúdo, que antes se limitava apenas ao que era exibido na televisão, passa a ser expandido para novos formatos. “É o estágio em que nos encontramos hoje, vivenciado de forma diferenciada por emissoras e telejornais, mas que tem em comum a característica de contar com o repórter televisivo ou o apresentador do telejornal fora do seu ambiente nativo, a televisão” (SILVA, ALVES, 2016, p.5).

Por se tratar de telejornalismo, a expansão é mais evidente em mídias sociais e aplicativos que tem como base o formato audiovisual (*Snapchat*), ou apresenta ferramentas que permitem a produção e postagens de vídeos (Vídeos no *Facebook*, *Twitter* ou *Instagram*, *Facebook Live*, *Periscope* e *Instagram Stories*).

O Snapchat e o Instagram (com a funcionalidade Instagram Stories) são aplicativos que apoiados na publicação de mensagens instantâneas baseadas em imagens: fotos e vídeos, que se limitam à duração de 10 segundos. Em ambas mídias, as publicações ou histórias são agrupadas em uma fileira de pequenos círculos no aplicativo e são removidas do servidor depois de 24 horas, caso sejam compartilhadas para todos os seguidores nas “histórias”.

Foram identificadas três tipos apropriações possibilitadas pelo uso de veículos de televisão nessas mídias: o primeiro caso é a narrativa de Chamada, onde o jornalista entra em cena para convidar o público a acompanhar a cobertura jornalística de um fato ou programa que será exibido posteriormente na televisão. O segundo tipo de apropriação é a narrativa do tipo Nota/Comentário, em que o jornalista entra em cena e faz o comentário sobre um determinado fato ou traz pequenas informações sobre algum assunto em questão. Já o terceiro tipo de apropriação identificado pela pesquisa é o formato de narrativa de notícia, onde há efetivamente a cobertura jornalística de um fato. O repórter vai a campo reportar e utiliza-se das mídias sociais para realizar a cobertura.

Na Figura 8, a jornalista do Globo News grava da redação uma mensagem de 10 segundos que é publicada no perfil da emissora. No exemplo em questão, o público é

convidado a acompanhar o programa Em Pauta. A imagem da direita é a captura de uma postagem em vídeo feito no mesmo dia, onde no formato de Narrativa em Nota/Comentário, o jornalista que está no Palácio do Planalto traz informações complementares sobre aquele fato (fig. 9).



Fig.8 – Chamada do “Em Pauta” (GloboNews) Fig. 9 – Comentário sobre o Planalto (GloboNews)

A Editoria de Esportes é uma das que mais utiliza as redes sociais para divulgação de seus conteúdos. A cobertura do Canal SporTV no Snapchat durante os Jogos Olímpicos Rio 2016 fez uso do formato de notícia através dos *snaps* (figs. 10, 11 e 12). Neste tipo de narrativa, é possível identificar a estrutura da notícia televisiva, com postagens que se assemelham a passagem, texto em off com imagens em fundo e essencialmente a entrevista com uma ou mais fontes.



Figs.10, 11, 12 – Notícias no Snapchat do SporTV

A partir de 8 de maio de 2017, os telejornais Bom Dia Brasil, SPTV 1^a. Edição e SPTV 2^a. Edição apresentaram inovações, desde a identidade visual até o conteúdo. O destaque foi a presença de uma tela interativa onde o apresentador pode dar visibilidade às postagens dos espectadores nas redes sociais. Além disso, os jornais passaram a enfatizar a estrutura multiplataforma dando mais espaço às coberturas do Portal G1 e às reportagens produzidas para o canal GloboNews.

Outra mudança importante refere-se às alterações nas marcas dos programas regionais que foram simplificadas fortalecendo o nome das praças, tornando-se SP 1 e SP 2. A ausência da sigla TV na marca sinaliza que a produção está focada no acesso do espectador em outras formas de consumo televisivo. Há registros também do uso de tablets e smartphones por parte dos apresentadores e repórteres durante a apresentação da notícia. O uso dessas tecnologias móveis demonstra a influência que a informação compartilhada via internet desempenha no noticiário de televisão.

Considerações finais

As práticas jornalísticas em televisão têm se estruturado em torno do compromisso da informação com o apoio das tecnologias de cada época. Apesar disso, podemos perceber que em essência o telejornalismo ao longo dos anos vem construindo sua identidade em torno de sua legitimidade e dos laços criados com o público.

Do Telejornalismo Falado ao Telejornalismo Expandido os acontecimentos construídos pelas narrativas jornalísticas produzem grande impacto em nossa sociedade, principalmente quando vinculadas às transmissões ao vivo, que exigem maior interpretação por parte dos espectadores em menor tempo de contato com a notícia. A produção de sentidos permeia toda prática de mediação e está presente também no telejornalismo. Da seleção de pautas, na escolha de fontes, na hierarquização das notícias e na performance do apresentador ou do repórter, tudo faz parte de uma construção discursiva.

Quando falamos da base epistemológica do telejornalismo, estamos nos referindo a uma disponibilidade de identificar as marcas que a produção jornalística construiu ao longo dos anos, sem deixar de lado as relações sociais, as diferenças na produção de conteúdos e nos formatos. Vale ressaltar que os estudos do jornalismo em televisão revelam que não é possível esgotar a compreensão do tema e que as atuais tendências se encontram em plena transição. O novo de hoje torna-se obsoleto em pouco tempo. Por esse motivo, as permanências, aquilo que permeia todas as épocas e foi historicamente construído, são capazes de revelar a essência e a singularidade dessa prática jornalística.

Não restam dúvidas de que os relatos jornalísticos são impulsionados pelos movimentos da sociedade e não apenas do desenvolvimento técnico de equipamentos. Se houve um momento em que as informações faladas, mesmo sem imagens, eram suficientes para levar conhecimento a grupos sociais em mídias audiovisuais como a televisão, neste momento, a produção de imagens cria novas formas de interação com o público e o telejornal, em especial, com o espaço das redes sociais. Os relatos do cotidiano no telejornalismo são um exercício de compromisso com a cidadania e com um público cada vez mais conectado e acostumado a ver televisão em múltiplas plataformas.

Referências

ABREU, K. C. K.; SILVA, R.S. História e Tecnologias da Televisão. . Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf>>. Acesso em 20 maio 2017.

ACERVO Jornalístico TV Tupi de São Paulo. Disponível em: <<http://www.cinemateca.com.br>> Acesso em 13 maio 2017.

ALVES, Vida. T V Tupi: uma linda história de amor. São Paulo: IMESP, 2008.

AVANCINI, Walter. A marca do diretor. In: SILVA JÚNIOR, Gonçalo. **País da T V**: a história da televisão brasileira por. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

BALAN, W. C. Um breve olhar pela evolução da TV no Brasil. Disponível em: http://www.willians.pro.br/textos_publicados/Um_breve_olhar_pela_evolucao_da_TV_no_Brasil.pdf. Acesso em 20 maio 2017.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 1977.

LIMA, Fernando Barbosa. Entrevista à Pro-TV (Museu da Televisão brasileira). São Paulo, dezembro, 1998. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=V3qTRvMnLNg> >. Acesso em 12 jul 2017.

LORÊDO, João. E ra uma vez... a televisão. São Paulo: Allegro, 2000.

REZENDE, Guilherme Jorge de. Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SILVA, Edna de Mello; ROCHA, Liana Vidigal. Telejornalismo e ciberespaço: convergência de tecnologias e informação. IN: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). 60 anos de telejornalismo no Brasil. Florianópolis: Insular, 2010.

SILVA, Edna de Mello. As imagens do Telejornal Imagens do Dia: a influência do cinejornalismo e do rádio na primeira fase do telejornalismo brasileiro. IN: Anais do VIII Encontro Nacional de História da Mídia – Guarapuava, PR. 28 a 30 de abril de 2011.

_____. Entre o Real e o Virtual: Novas Configurações Imagéticas no Telejornalismo. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2683-1.pdf> Acesso em 14 jun 2017.

_____; ALVES, Y. M. Telejornalismo Expandido: A Apropriação de Redes Sociais e Aplicativos pelo Jornalismo Televisivo. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2503-1.pdf> > . Acesso em 14 jun 2017.

_____. De “cabeças falantes” a “corpos imersivos”: o papel dos apresentadores no telejornalismo brasileiro . IN: WARD, R. (org.). Narrativas e Representatividades, a interdisciplinariedade na Comunicação. Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins / EDUFT, 2017. Pág. 95 – 109.